

## O M A T E

Carlos Galvão Krebs

O mate, também chamado "chimarrão", bebida tomada quente, mas sem ferver a água, é uma infusão das folhas da árvore denominada cientificamente "*Ilex Paraguariensis*". Esta árvore é só nativa na América do Sul, região do Paraguai, Argentina e Brasil (Paraná, Santa Catarina e, especialmente, Rio Grande do Sul). Os gaúchos a conheceram e herdaram dos indígenas da região, ao aqui chegarem. Os índios bebiam o mate, principalmente com água fria, neste caso chamado "tererê", forma até hoje usada no Paraguai e fronteiras do Brasil com esse país, alternadamente com o mate quente.

As folhas da árvore do mate (erveira) são colhidas geralmente uma vez por ano. São sapecadas e depois bem secas ao calor de fogo (direto ou indireto) sobre girais de madeira.

As folhas então sofrem trituração (antes com paus, manualmente e hoje mecanicamente), até se reduzirem a pó mais ou menos fino, bem verde. É ensacada ou empacotada e colocada à venda no mercado.

A infusão - o mate ou chimarrão - é servido e tomado de um recipiente feito com uma cabaça, porongo (*Lagenária vulgaris*, cientificamente), e que se chama cuia, sorvido por um canudo de metal chamado homba no Brasil e bombilha em língua castelhana e em cuja extremidade inferior dispõe de um pequeno ralo.

Nas estâncias e fazendas de criação de gado, os peões (campinos em Portugal) o tomam sentados ao redor do fogode-chão, no galpão onde se reúnem, com a chaleira d'água à beira do fogo, para a água não esfriar.

Nas cidades, pela impossibilidade de se ter fogode-chão, os mateadores gaúchos usam hoje a garrafa térmica em

lugar da chaleira. Assim acontece no Paraguai, Argentina, Uruguai e Brasil (Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Mato Grosso).

O mate é a bebida tradicional dos gaúchos de todas essas pátrias. Todas as pessoas que chegam às estâncias e fazem das de criação de gado, como aos ranchos dos peões, são logo obsequiados com o mate.

E nas cidades do Rio Grande do Sul, seja nas "repúblicas" (moradias coletivas, já desaparecidas) ou quartos de estudantes, sempre corre o mate de mão em mão, nos períodos de estudo ou de lazer.

O chimarrão (mate) é o costume, o hábito mais generalizado e permanente até os dias atuais, da herança por nós recebida dos indígenas desta região da América do Sul, além do uso da mandioca e da farinha dela derivada.

O curioso e tradicional é que todos chupam na mesma bomba, sem nenhuma higiene ao ela passar de boca a boca. Enche-se de água quente a cuia, sorve-se o mate até findar a água da cuia, que é enchida de novo e passada ao companheiro próximo, correndo a roda, um após o outro.

O casal Carlos Galvão Krebs - consequência do hábito que Krebs adquiriu nas estâncias gaúchas onde foi criado desde a infância - o casal KREBS, em lugar do café de desjejum - toma todas as manhãs o seu mate, com duas garrafas térmicas de água quente sucessivas. Água quente, mas não fervida, que "estraga o gosto do mate" diz o gaúcho.